

“MORTOS MAIS QUE ESPECIAIS”: MÁRTIRES E GUERREIROS NO CONTEXTO MEDIEVAL PORTUGUÊS

Renata Cristina de Sousa Nascimento
Professora Associada I da Universidade Federal de Goiás (Regional-Jataí),
da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

renatacristinanasc@gmail.com

Recebido em: 04/03/2017

Aprovado em: 14/04/2017

Resumo

O rito cristão envolve uma série de elementos que foram sendo construídos ao longo do estabelecimento e fortalecimento desta religião. Inicialmente no Império Romano, os corpos dos mártires rememorados por narrativas sublimes, teriam sido responsáveis pela instituição da santidade dos locais de suas tumbas. Uma nova reconfiguração espacial e valorativa destes mortos especiais teriam incorporado os cemitérios ao mundo urbano. Com o fim das perseguições, e a institucionalização do cristianismo enquanto religião oficial o número de martírios teria diminuído sistematicamente. Por desejarem uma experiência mística mais intensa, os fiéis passaram a experimentar novas formas de sofrimento, como a solidão, a autoflagelação e a negação do que consideravam desejos carnis. Com o advento das cruzadas no século XI, paralelamente ao avanço muçulmano na África do Norte, novos desafios foram apresentados ao universo religioso. Agora era preciso reelaborar um perfil de santidade, respaldada pelo exemplo dos primeiros mártires. Uma revivência do morrer por Cristo e pela fé, encontraria no palco africano oportunidade de retomar o significado mais profundo da morte santa. Neste texto pretende-se analisar dois casos específicos que tiveram singularidade, pois referem-se a construções narrativas que alcançariam relevância para além de seu significado puramente religioso. Para tanto foram elencados duas manifestações célebres de martírio tardio, tendo por contexto as lutas entre muçulmanos e cristãos: A vida e a morte dos *Mártires de Marrocos* e o cativo do *Infante Santo*.

Palavras-chave- Mártires- Morte- Relíquias

Abstract

The Christian rite involves a series of elements that were being built along the establishment and strengthening of this religion. Initially in the Roman Empire, the bodies of martyrs remembered by sublime narratives would have been responsible for establishing the sanctity of the sites of their tombs. A new territorial and evaluative reconfiguration of these special deaths would have incorporated cemeteries into the urban world. With the end of the persecutions, and the institutionalization of Christianity as an official religion, the number of martyrdoms would have systematically diminished. By desiring a more intense mystical experience, the faithful began to experience new forms of suffering, such as loneliness, self-flagellation, and the denial of what they considered to be carnal desires. With the advent of the Crusades in the 11th century, parallel to the Muslim advance in North Africa, new challenges were presented to the religious universe. Now it was necessary to recreate a profile of holiness, sustained by the example of the early martyrs. A revival of dying for Christ and for faith would find on the African stage an opportunity to take up the deeper meaning of the holy death. In this text we intend to analyze two specific cases that had singularity, since they refer to narrative constructions that would reach relevance beyond its purely religious meaning. For this purpose, two celebrated manifestations of late martyrdom were set out, taking into account the struggles between Muslims and Christians: The life and death of the Martyrs of Morocco and the captivity of the Holy Infant.

Keywords: Martyrs - Death - Relics

As atitudes cristãs em relação à morte redefiniram o lugar dos mortos no imaginário ocidental, marcado por uma aproximação solidária entre os vivos e os que já se foram. O cristianismo nos apresenta distinções singulares, nesta interação entre o imanente e o transcendente, tendo por base tanto a influência que recebeu da cultura helenística, quanto do judaísmo. A experiência cristã é marcada por uma simbologia específica, em que este mundo e o além supostamente se comunicam. O complexo contexto histórico do surgimento da religião, e de seu avanço dentro das fronteiras do mundo romano explica em parte esta singularidade frente ao além. O avanço das perseguições aos cristãos iniciou-se mais intensamente a partir do século III, embora algumas perseguições pontuais já ocorressem antes na Bitínia, e em outras províncias da Ásia. Uma das principais acusações contra estes se referiam a recusa ao culto imperial. A violência oficial contra este grupo provocou o aumento do número de mártires da fé, mortos especiais que, por seu testemunho verdadeiro, teriam sido reprimidos e assassinados através de suplícios terríveis: Lançados às feras, crucificados, decapitados, apedrejados, queimados, etc. Expostos a humilhações e prisões frequentes, alguns foram perseguidos pelo simples fato de serem líderes cristãos, como São Policarpo de Esmirna, por exemplo. Conforme o Evangelho de Marcos, o próprio Cristo já havia predito as tribulações que seus seguidores iriam padecer: “Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e às sinagogas e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dares testemunho perante eles.” (13:9); E mais adiante: e sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, será salvo (Marcos, 13: 13).

De acordo com as escrituras, o exemplo dos sofrimentos de Jesus Cristo para a libertação e salvação da humanidade, já eram por si só modelo suficiente quanto ao que iria acontecer com seus discípulos, e em seguida com a Igreja primitiva. Conforme a tradição cristã os fundadores da Igreja, os apóstolos Pedro e Paulo teriam sido alvos da sanha contra os cristãos, sendo o primeiro crucificado em Roma e o segundo decapitado, na mesma cidade. Ao redor do local atribuído ao túmulo de São Paulo foi erguida, por Constantino uma construção, que posteriormente, no governo de Teodósio I (379- 395), daria origem à Basílica de São Paulo Extramuros, na cidade eterna. Local de grande significado para a memória e identidade cristã. Observa-se que, desde sempre, os martírios ocorriam fora dos muros, ou seja, fora das cidades. Nestes locais estratégicos, considerados sagrados, foram enterrados e rememorados os primeiros personagens elevados a heróis da fé, sendo sua tumba local de culto e de reuniões das primeiras comunidades cristãs. “Os cristãos em perigo de morte exaltaram o ideal do mártir, testemunho absoluto de fé, realização da perfeição cristã pela imitação de Cristo crucificado, fracasso aparente que transcende em triunfo.” (THELAMON, 2008:41) Espaços destinados a cemitérios, mas que representavam a vitória da morte sobre a vida, a estes mártires seria concedida a santidade de Cristo, pois viveram e sofreram como o Salvador. Seu exemplo de perseverança até o fim serviria como fonte de inspiração aos demais. Por meio das relíquias dos mártires seriam atribuídos diversos milagres, daí seu enorme significado.

Para celebrar seus mártires e santos a comunidade cristã recriou narrativas, inicialmente orais que serviram para compor martirologios e obras hagiográficas de grande significado, como a *Legenda Áurea*, composta no século XIII. Segundo o *Martirologio Romano*¹ A Igreja celebrou, desde os primeiros tempos, os apóstolos e os mártires de Cristo, “que, pelo derramamento do seu sangue, a exemplo do Salvador padecente sobre a cruz, na esperança da ressurreição deram o supremo testemunho da fé

e da caridade” (2013: 15). A vida dos santos é percebida como memória da vida de Cristo. “De fato, toda a comemoração litúrgica dos Santos na vida da Igreja tende por sua natureza para Cristo e culmina em Cristo, que é a coroa de todos os Santos” (2013: 15). Nos Santos de Deus se dá a união de toda comunidade dos fiéis. Em *Contra Fausto, o Maniqueu* Santo Agostinho dispõe sobre a veneração aos mártires;

“O povo cristão celebra a memória dos seus mártires com religiosa solenidade, para se animar a imitá-los, para participar dos seus méritos e para ser ajudado com a sua intercessão, não erguemos altares a nenhum mártir, mas só ao próprio Deus dos mártires, ainda que em memória dos mártires...Veneramos, portanto, os mártires com um culto de amor e de comunhão, semelhante ao que dedicamos nesta vida, aos santos homens de Deus cujo coração sabemos estar já disposto ao martírio em testemunho da verdade do Evangelho. Mas àqueles que já superaram o combate e vivem triunfantes numa vida mais feliz, prestamos este culto de louvor com maior devoção e confiança do que àqueles que ainda lutam nesta vida”.²

Participar dos sofrimentos de Cristo, esta será a tônica do cristianismo, tanto em seus primórdios, quanto em toda Idade Média. A origem complexa do culto às relíquias se estabelece na prática da veneração aos restos mortais dos mártires da fé, de homens e mulheres elevados à santidade. Inicialmente é a própria comunidade e a estrutura administrativa da Igreja que legitimam esta prática. Logo o poder público irá interferir diretamente nesta celebração, tentando também promover seus próprios santos, que trariam prestígio à dinastia reinante. A intervenção maravilhosa destes corpos aparentemente mortos, mas vivos na fé fortaleceriam a concepção de que estes poderiam mediar dois mundos: “Les reliques passèrent ainsi pour opérer des miracles bénéfiques à la communauté, en écartant les calamites, ou, inversement, en suscitant la prospérité par l’abondance des moissons ou l’exubérance de la végétation” (BOZÓKY, Edina, 2006: 15). Com o fim das perseguições os cemitérios, antes afastados do convívio social, por se localizarem fora do espaço citadino, serão incorporados na geografia urbana. Ao redor dos sepulcros dos homens de Deus serão erguidas basílicas grandiosas, que expressam a suntuosidade que envolvia os ritos de comemoração aos santos.

Ao encerrarem-se as perseguições religiosas contra os cristãos, a possibilidade do sofrer por Cristo tornou-se menos viável e direta. Daí novas possibilidades foram abertas, inicialmente pelo ascetismo e mortificação da carne, que poderia, assim como os martírios, aproximarem com maior intensidade o homem mortal de seu criador. Desta forma o “fim das perseguições e dos chamados martírios de sangue, teria influenciado na expansão de movimentos ascéticos orientais como o eremitismo e o cenobitismo. No Ocidente cristão tais práticas podem ser identificadas como uma nova modalidade de martírio” (SILVA, 2016: 89). Um dos relatos célebres foi escrito pelo bispo Atanásio de Alexandria, que viveu entre 295 e 373. *Vida e Conduta de Santo Antão*³ é visto como um manifesto sobre as origens do monarquismo antigo. O santo teria enfrentado sozinho no deserto egípcio toda espécie de privações, frio, fome, fadigas, ataques do demônio e ameaças das feras selvagens.

“O diabo, como canta Davi, espiava, pois, Antão e rangia os dentes, contra ele. Mas, consolado pelo Senhor, permanecia incólume entre os múltiplos artifícios e as maquinações do demônio. Quando o santo velava de noite, o diabo lhe enviava animais, e quase todas as hienas do deserto o

rodeavam, com a boca aberta, ameaçando mordê-lo. Ele, no meio, conhecendo os artifícios do inimigo, dizia a todos eles: Se recebestes poder contra mim, estou pronto a me deixar devorar; se fostes enviados pelos demônios, não espereis mais, retirai- vos, sou servo de Cristo! Ouvindo isso, fugiam; dir -se- ia que expulsos pelo açoite de suas palavras”.⁴

O ascetismo e o sacrifício voluntário eram novos elementos de santidade, buscando atacar as paixões carnis, lutando incessantemente contra as investidas de sataná, os cristãos desenvolviam sua espiritualidade modelo, desejada e buscada ardentemente por muitos. A imitação de Cristo, especialmente após a ascensão das Ordens Mendicantes, também seria um parâmetro muito constante nesta busca pela perfeição. Em I Pedro 1: 14-16, temos a exortação; “Como filhos obedientes, não consentais em modelar vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância... porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo.” Ao servo de Deus caberia superar a limitada condição humana, por meio dos desafios impostos pelas paixões carnis. As dificuldades e humilhações sofridas por Cristo e seus companheiros, evocavam o máximo da contrição a ser alcançada. As representações gloriosas da Trindade Santa foram paulatinamente substituídas pelas imagens do Cristo sofredor, martirizado na cruz, que, de símbolo maior de uma morte cruel, adquiriu status ímpar. Rememorações da via- crucis foram projetadas muito além da cidade santa, e inseridas no imaginário, e no ritual litúrgico que acompanha as festividades da Semana Santa, em todas as partes do mundo cristão.

Com o advento das cruzadas no século XI, paralelamente ao avanço muçulmano na África do Norte, novos desafios foram apresentados ao universo religioso. O conceito medieval de santidade foi reelaborado. A sacralização da guerra e das conquistas reeditou a noção de martírio, sendo este transposto para além das fronteiras do ocidente. Com a revivescência do ideal cruzadístico em África, tem-se um novo espaço de exaltação da luta entre o bem e o mal, entre cristãos e os infiéis. Uma etapa seria a elaboração de escritos que revelam a atuação dos cristãos frente ao contexto africano, entendido também como um campo de ação missionária e palco da Guerra Santa. No mosaico de relatos sobre a presença cristã na África muçulmana, iremos analisar dois exemplos notáveis, que entrelaçam a expansão da fé cristã, com os desafios impostos pela expansão portuguesa em território africano. Estas experiências constroem uma memória de santidade, parecida ao ideal de martírio dos primeiros séculos. Escolhemos para tanto duas circunstâncias específicas vividas no fim da Idade Média, a missão e execução dos *Mártires de Marrocos* e a tentativa dinástica de sacralização de D. Fernando, *O Infante Santo*, guerreiro inexperiente, que teria sido entregue aos muçulmanos como penhor de devolução da Cidade de Ceuta, durante o malfadado Desastre de Tânger, ocorrido em 1438.

Os Mártires de Marrocos: Símbolos de fé e o triunfo da morte sobre a vida

A história sobre a vida e a morte dos *Mártires de Marrocos* está intimamente associada ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Portugal)⁵, lugar em que estão oficialmente depositadas suas relíquias. A Igreja de Santa Cruz foi principiada em 1131, juntamente com o Mosteiro, sendo deste parte integrante, fora dos limites da cidade de Coimbra, então capital do reino. A memória da fundação desta casa monástica está ligada a D. Telo e São Teótonio, primeiro prior do mosteiro⁶. Neste local estão presentes

diversas relíquias, entre estas as de seu fundador, de São Cipriano, Santa Comba⁷, dos *Mártires de Marrocos* e de outros santos. Para o estudo inicial sobre estes, temos duas fontes bem diretas: A hagiografia e a iconografia. Aires Nascimento (2013: 171) nos apresenta características essenciais destas duas manifestações memorativas:

1º A hagiografia tem dimensão humana, como linguagem convencional, mas também criativa. Nela se reflete uma antropologia do sagrado e das comunidades humanas, cujo interesse é tanto maior quanto serve para as situar e reconhecer sua relação com o sagrado coletivo.

2º “A iconografia é uma das experiências mais sensíveis e variáveis do culto dos santos: é sensível porque chama de imediato à atenção, mas é também variável sobretudo porque nela se reflete uma relação criada em momento mais ou menos situado”.

No *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, temos a informação de que teria sido o próprio Francisco de Assis a enviar cinco missionários de sua ordem para pregarem o evangelho em Marrocos, no ano de 1219.

...aos treze anos de sua cõversão, tẽdo em sua casa e cõvento reys relligossos Jtalianos .s. frey Uidal e frey Beraldo. Singulares preegadores E frey Otto sacerdote, frey Pedro diacono, frey Adiuto e frey Acursio leygos. Todos hmês de grãde spû, muy approuada vida e seruentes no zello | da fe por saberê a lingoa Arabica, ordenou o padre sã Frãcisco d os mãdar a Marrocos cabeça do Iperio Africano, õde estava el rey Miramoli pera trabalharê de o cõverter á fee d Jesu Christo, porq cõvertido elle seria causa de todo seu Reyno : e vassallos se cõverterê por seu exêplo. E dãdolhe sua bêçam os mãdou cõ a de Deos.

Por ter adoecido no caminho Frei Vidal não pode prosseguir viagem, sendo Frei Berardo o novo líder da expedição. Entrando em Portugal chegaram à cidade de Coimbra, sendo recebidos pela rainha Dona Urraca, esposa do Rei D. Afonso II. Esta reconhecendo neles sinais verdadeiros de servos de Deus pediu insistentemente que lhes revelassem se morreria ou não, antes de seu marido. Através de orações e penitências estes, segundo a hagiografia teriam predito seu próprio fim. Segundo o texto quando suas relíquias chegassem à cidade, o primeiro que as recebessem, Rei ou Rainha, seria o também o primeiro a morrer. O capítulo III tem por título “De como partiram os frades de Coimbra e foram a Alenquer e do acolhimento que lhes fez a Infanta Dona Sancha, irmã do Rei, em sua casa”. Neste capítulo é narrado o encontro da Infanta com os discípulos de São Francisco, tendo ela lhes oferecido apoio, para que tirando o hábito pudessem usar roupas seculares, para que não fossem reconhecidos ao entrarem no Marrocos. Após um complicado périplo e muitas tribulações, incluindo açoites e humilhações na cidade de Sevilha, os frades menores finalmente conseguiram atingir seu objetivo, sendo recebidos em Marrocos pelo infante D. Pedro Sanches (1187-1258)⁸. Os sofrimentos pelo caminho são característicos em textos de cunho hagiográfico, como é o *Tratado*.

O infante vendo o empenho dos frades em converterem os infiéis, e seu desejo pelo martírio em nome da fé, advertiu-os que não se expusessem em demasiado, pois temia pelo perigo iminente. Mesmo desencorajados por Pedro Sanches os franciscanos começaram logo a pregar. Sabendo da proximidade do *Miramolim* e de seu séquito, Frei Berardo teria começado a enaltecer a Cristo e a dizer insultos contra o profeta Maomé e seus ensinamentos. Julgando o rei de Marrocos que se tratava de um louco, pediu aos seus guardas que os expulsassem da cidade. De acordo com a narrativa o Infante,

temendo pela vida dos frades os teria conduzido até a cidade de Ceuta. Fugindo de lá, e regressando a Marrocos voltaram a pregar, dizendo:

Não há mais que um só Deus, uma divindade em três pessoas- Pai, Filho e Espírito Santo. É a esta que só se pode adorar, temer e amar com as forças da alma e vontade. Quem nisto não acreditar será condenado ao inferno, juntamente com os diabos...O profano e mau Mafamede, com todos aqueles que quiseram viver e morrer na sua seita, padecerão o mesmo.⁹



Representação dos Cinco Mártires de Marrocos

http://1.bp.blogspot.com/_8I00SFkfUiw/TAXf7Zk0ssl/AAAAAAAAAASo/xvT4hwIn7fQ/s1600/M%C3%81RTIRES+DE+MARROCOS+PINTURA+PENEDO.jpg

Do capítulo XIV ao XVIII são narrados diversos tormentos sofridos pelos franciscanos como prisões, açoites e torturas diversas. Segundo o texto em nenhum momento pararam de pregar. O *Miramolim* teria inclusive oferecido aos mártires, por seu silêncio, moças virgens e formosas, além de riquezas. Estes, insistindo em sua missão não teriam sido persuadidos por nada. Por permanecerem arraigados à fé cristã, segundo o texto, os mártires foram decapitados e degolados pelas mãos do próprio rei, no dia 16 de janeiro de 1220. “Os Infiéis, percebendo o propósito da comunidade cristã, na recuperação dos cadáveres dos Santos Mártires fizeram hua grãde fogueyra, e ajudaram os pedaços daqueles corpos e hos deitaram nella pera de todo se gastare e fazere em cinza”. (PACHECO, 2009: 99). De acordo com a hagiografia, por intervenção divina as cabeças e partes dos corpos teriam resistido às chamas. O que não foi consumido pelo fogo teria sido reunido pelos cristãos. D. Pedro Sanches envia então as relíquias dos franciscanos de volta a Portugal.

A 10 de Dezembro de 1220, o rei D. Afonso II (1211-1223) recebe em Coimbra, as relíquias. Com a entrada das relíquias em Coimbra dá-se logo o “milagre da mula”. A mula que transporta as relíquias faz uma parada em Santa Cruz, e nega-se a prosseguir para a Sé; abertas as portas da igreja do convento o animal entrou e deitou-se no altar-mor, indicando o local onde os mártires queriam ficar e onde ficaram. (AZEVEDO, 200:122)

Este relato miraculoso serviu para justificar a existência dos despojos na cidade, fazendo parte de uma elaboração discursiva, que visava afirmar a legitimidade da presença destes em Santa Cruz de Coimbra. Esta literatura de cunho hagiográfico nos remete ao domínio do maravilhoso. Os despojos seriam então elementos estratégicos na promoção do culto aos santos *Mártires de Marrocos*, e na projeção tanto do Mosteiro, quanto do reino de Portugal diante da cristandade. Viabilizando cada vez mais a inserção desta região na narrativa cristã. A fé popular nos despojos dos frades franciscanos desenvolveu-se cada vez mais, desde o cerimonial da chegada, tornando-se

estas relíquias fragmentos memoráveis. Luís Kruss (1984) assinala a Procissão dos Nus¹⁰, manifestação de origem popular ligada à devoção aos Cinco Mártires. “Nota-se que não são mártires do princípio do cristianismo, mas do tempo da Reconquista e, mais ainda, martirizados pelos infiéis em território a cristianizar.” (AZEVEDO, 2000). Daí a importância de guardar os corpos, fomentando sua veneração. Esta prática provocava uma distinção sócio- religiosa para a comunidade possuidora dos despojos. Estes serviam como consolo espiritual vivo, sendo possível tocá-los, daí sua distinção. Cada procissão, peregrinação, relatos de curas, etc, agregavam significados e nova intensidade à devoção aos mártires franciscanos.

Lurdes Rosa (2010) assinalando os símbolos e as interpretações das conquistas portuguesas de 1415- 1521 revelou um reavivamento do culto aos *Mártires de Marrocos*, uma revitalização capitaneada pelas ordens religiosas, com o apoio da coroa. Alia-se a isto a preocupação do papado com a evangelização do território norte-africano daí a canonização dos frades franciscanos em 1481. Os franciscanos observantes peninsulares “há muito que se reviam no martírio dos seus cinco confrades, procurando por diversos modos reforçar e publicitar a ligação com esse relevante patrimônio de martírio norte- africano” (ROSA, 2010: 98). No século XVI o culto irá continuar a expandir-se, sendo comum o aumento das representações sobre estes mesmo fora do reino de Portugal.

D. Fernando, o Infante Santo: Guerreiro e mártir involuntário

As manifestações de veneração e culto ao Infante Santo, ou *Mártir de Fez*, levadas a efeito pela Dinastia de Avis já foi objeto de diversificada produção historiográfica, tanto em Portugal quanto no Brasil¹¹. Através de uma nova construção imagética e simbólica, tanto a derrota portuguesa em solo magrebino, quanto o abandono e morte de um de seus principais personagens, sofreram a ação de reinvenção, transformando a derrota em ato de vitória, construindo o enredo do martírio, legitimando a política portuguesa de conquistas no norte da África. (NASCIMENTO, 2017) A armada de Tânger teve por objetivo dar continuidade à ocupação portuguesa na África do Norte, vitoriosa com a cruzada em Ceuta, no ano de 1415. Nos 600 anos da “evocação” da empresa de Ceuta, completados em 2015, rememorou-se as opções que levaram o reino de Portugal a guerrear por esta cidade e também as implicações da conquista, tendo por parâmetro os dois lados envolvidos. É sempre preciso invocar o passado medieval e os símbolos religiosos ou não que estariam por trás da “epopeia” em África, não esquecendo que o passado ibérico sofreu, assim como outras regiões do globo, a vivência cruzadística, efetivamente até o século XV em seu próprio território. Essa herança avançaria pela modernidade e além.

Desde as primeiras linhas que a empresa de Ceuta parece ter as suas raízes, segundo Zurara, nos remorsos que corroíam D. João I por ter vertido sangue cristão, durante a guerra com Castela e, na convicção do monarca de que só expiaria esse pecado, lavando suas mãos no sangue dos infiéis. Antes que a sensibilidade do leitor se ofenda com estes termos, ele continua: os que defendem que devemos chamar próximo a qualquer criatura, seja ela de que religião for, são pouco menos do que hereges. (DUARTE, 2015: 44).

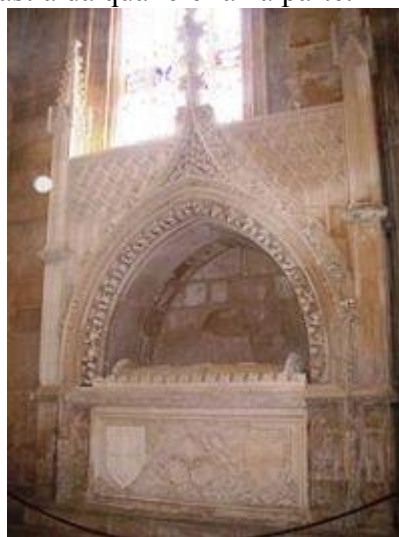
A continuidade da ocupação da cidade, e sua manutenção extremamente onerosa podem se justificar pelo fator representação. Ter avançado de forma vitoriosa, sobre uma praça muçulmana, em região antes pertencente ao mundo cristão romano, era por si só elemento de propaganda e de legitimidade sobre a cristandade, em momento de forte

ameaça muçulmana, o que vai ficar ainda mais intenso após 1453 com a tomada definitiva da cidade de Constantinopla. Era justo então dar continuidade ao projeto, o que vai se concretizar em 1437 com a expedição a Tânger. A fraqueza portuguesa e a falta de estratégia possível, frente a uma região inóspita, além da incapacidade de seus líderes de liderarem com eficácia as tropas resultaram em um enorme fracasso. Para que parte do exército português saísse em segurança frente à derrota junto aos muçulmanos foi acordado que a cidade de Ceuta seria devolvida, assim que possível, ficando o Infante Fernando (1402- 1443), irmão caçula do rei de Portugal D. Duarte (1391- 1438), como penhor do acordo. Este foi acompanhado de um pequeno grupo, entre eles João Álvarez, secretário do Infante e futuramente seu biógrafo/ hagiógrafo. O que sucedeu depois é ainda mais complexo de ser analisado, pois a conjuntura desfavorável do reino, com a recusa das Cortes de Leiria de devolverem Ceuta, atrasaram as negociações. A morte precoce de D. Duarte associada ao estabelecimento da regência contribuíram ainda mais para o desenrolar trágico do enredo.

Existem duas fontes fundamentais sobre a vida e a morte do Infante Santo; “*Trautado da Vida e feitos do Muito Vertuoso Sr Ifante D. Fernando*, de Frei João Álvares composta em 1451¹² e *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*¹³, escrita provavelmente entre os anos de 1451 a 1470/71, por autor desconhecido”. (NASCIMENTO, 2017:11). Nestas hagiografias percebe-se o claro interesse de rememorar o desastre de 1437 e o cativo de D. Fernando como um projeto divino necessário à evangelização e cristianização do Marrocos, sendo a figura do Infante transformada em mártir. Pelo *Trautado* de Frei João Álvares teria D. Fernando se oferecido espontaneamente para acompanhar o grupo, quando da realização das negociações entre portugueses e muçulmanos, isentando D. Henrique, então líder da expedição, de ter induzido seu irmão ao cativo. O Infante- mártir é resultado direto desta construção discursiva póstuma. Outro elemento bastante significativo é o traslado de suas relíquias para o Mosteiro do Batalha, principal panteão régio. Estas teriam sido transportadas no ano de 1451. Antes deste fato, o capítulo 42 do *Trautado*, que tem por título “Dos milagres que noffo Senhor fez pelos merecimentos do fancto Iffante dom Fernando, no tempo que estaua posto feu corpo nos muros de Feez”, procura apresentar alguns prodígios que seriam atribuídos a estas relíquias, que supostamente estariam encerradas em um ataúde: “As vigias & roldas da villa cada fomana em certos dias vião ao redor daquele ataúde tanto lume & claridade, que não podiam ter os olhos em direito daquele lugar, em tanto que não podiam diuifiar de que era aquelle lume”.¹⁴ O texto de Álvares diz que teria um homem visto o próprio Infante, como se vivo fosse, ao redor da claridade que exalava do ataúde que continha seus restos mortais. O texto também alude à curas que teriam sido realizadas por intermédio dos despojos, ainda em Fez, além de outras maravilhas. “Manifefto he que muitas peffoas faõ faãs de inchaços, & de febres com o tocamento da terra donde caio o pingo daquele corpo. E afsi mefmo a lanção ao pefçoço de bois & de alimárias que faõ doentes, & recebe faude”.¹⁵

A par da escrita de uma história sagrada, o local de sepultura do santo- mártir será o *locus* da promoção de seu culto. Primeiramente através das fressuras e em 1471, após D. Afonso V (1432- 1481) ocupar finalmente Tânger, por meio também de sua ossada, trazida ao reino com direito a celebração de grande pompa. Sua tumba se transformou em um foco de procissões e preces. Herdeiro dos antigos mártires, os novos santos ocupariam papel importante na sacralização de uma casa reinante, e no universo religioso popular, independente de sua canonização oficial. Ter um santo na linhagem significava que esta estava mais próxima de Deus, sendo por ele protegida e legitimada.

De acordo com Michel Lauwers (2015: 76-77), não existia desde os primórdios do cristianismo sacralidade ligada a um lugar em si, mas sim às pessoas que estariam ali enterradas. “A santidade que estava ligada a pessoas e suas relíquias foi transferida e identificada aos edifícios que as abrigavam, a partir de então qualificados como moradas ou *sés vivas*”. (LAUWERS, 2015: 76). Daí a criação de um panteão memorável, como é o Mosteiro da Batalha. A dignidade do morto realçava a dignidade transcendental e especial da dinastia da qual ele fazia parte.



Túmulo do Infante D. Fernando, O Infante Santo (Mosteiro da Batalha- PT)
<https://casaducaldebraganca.files.wordpress.com/2016/03/tc3bamulo-d-fernando.jpg?w=200&h=266>

Considerações Finais

O debate acerca dos atributos sagrados dos corpos santos envolve fontes diversas, que situam os milagres atribuídos a estes dentro da essência do imaginário medieval cristão. O modelo de mártir almejado faz parte de um longo processo de criação de memórias, relativas à busca de um grau elevado de santidade, atingido através de elaborações discursivas especiais. Estas eram patrocinadas por igrejas, bispados, ordens religiosas e até por diversas casas dinásticas que pretendiam criar e/ou impor o culto a seus mortos notáveis. Imitadores de Cristo em vida, sua dignidade será mantida após a morte. O recurso ao sobrenatural fazia com que as exéquias destes personagens especiais nunca se completassem. De seus restos físicos emanavam substâncias divinas. “Em meio aos escritores cristãos do período romano, ter-se-ia chegado à ideia de que a alma do mártir ascenderia ao paraíso sem passar pelo juízo final”. (AMARAL, 2012: 181). A reelaboração conceitual da ideia de martírio será necessária devido aos novos desafios que irão atingir o universo teórico cristão. Mas a essência inicial será, em linhas gerais, mantida, pois a herança da vitória de Cristo sobre a morte, tanto física quanto espiritual caracteriza um campo simbólico de longa duração. As atitudes em relação aos mortos e a morte revelam práticas sociais importantes, e precisam ser entendidas também como representações, que nos remetem a manifestações culturais características do mundo ocidental.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Clínio de Oliveira. **A Questão da Sacralidade: problemas e questões**. In *Religião e Religiosidades na Idade Média: Poder e Práticas Discursivas*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012
- Álvares, Frei João. **Trautado da Vida e feitos do Muito Virtuoso Sr Infante D. Fernando**. Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbricensis), 1960.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. SP: Paulus. 2013 (9ª impressão)
- BOZÓKY, Edina. **La Politique Des Reliques: de Constantin à Saint Louis**. Paris: Beauchesne, 2006
- CORDEIRO, José de Leão (Org). **Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio**. Fátima (PT), Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.
- DUARTE, Luís Miguel. **Ceuta 1415- Seiscentos anos depois**. Lisboa: Livros horizonte, 2015.
- FERNANDES, Fátima Regina (Coord). **Identidades e Fronteiras no Medievo Ibérico**. Curitiba: Juruá, 2013.
- FONTES, João Luís Inglês. **Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo**. Cascais: Patrimonia Histórica, 2000.
- GOMES, Saul A. **Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média**. In *Revista Diálogos Mediterrânicos*. CURITIBA: NEMED/ UFPR. Número 6 – Junho/2014 pgs 29-55
- KRUS, Luís. **Celeiro e Relíquias: O Culto Quatrocentista dos Mártires de Marrocos e a Devoção dos Nus**. In *Religiosidade Popular- Estudos Contemporâneos*. Porto. Nº 6, 1984. p. 21-42
- LAUWERS, Michel. **O Nascimento do Cemitério- Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval**. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2015.
- MARTIROLÓGIO ROMANO**. Coimbra/ Viana do Castelo: Gráfica de Coimbra, 2013.
- NASCIMENTO, Aires A. **Vida de São Teotónio**. Lisboa: edições Colibri, 2013.
- _____. **Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **A Expansão Portuguesa e o Desastre de Tânger (1437): A (re) invenção da memória**. In LEMES, Fernando Lobo & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **ENTRE EUROPA, ÁFRICA E AMÉRICA: MUNDOS IBÉRICOS NO ATLÂNTICO-SUL**. Rio de Janeiro: Multifoco/ Luminária Academia, 2016. pgs 19-37
- _____. **O Combate em Nome da Fé nos Relatos Hagiográficos**. In *Revista Crítica Histórica*. Maceió (UFAL), Ano IV, nº 7, julho/2013. p 139- 151
- PACHECO, Milton Pedro. **Os proto - mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco**. In *Revista Lusófona de Ciência das Religiões - Ano VIII, 2009 / n. 15 – 85-108*.
- RELÍQUIA**. In AZEVEDO, Carlos Moreira (Direção). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000- 2001. pgs 120- 125.

- ROSA, Maria de Lurdes. **Longas Guerras, Longos Sonhos Africanos- Da tomada de Ceuta ao fim do Império**. Lisboa: Fio da palavra, 2010.
- SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão**. SP: Paulus, 2002
- SILVA, Paulo Duarte. **Santos e Episcopados na Península Ibérica**. In SILVA, Andréia Cristina L. Frazão & SILVA, Leila Rodrigues. (Org). *Mártires, Confessores e Virgens. O Culto aos Santos no Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016. p 87-113
- THELAMON, Françoise. **“Viver como cristão “no mundo sem ser do mundo” (A Diogneto)**. In CORBAIN, Alain (Direção). *História do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2008. p 39- 42.
- Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos**. Edição de António Gomes da Rocha Madahil. Coimbra: Impr. da Universidade, 1928.
- VIEIRA, José Bento. **Os Mártires de Marrocos. Vida e Martírio**, Coimbra, Gráfica de Coimbra 2, 2006.

¹ O *Martiriolôgio Romano* é um livro litúrgico que contém o elenco dos Santos e Beatos honrados pela Igreja Católica Romana. O nome sugere uma lista de mártires, mas na verdade inclui todo o santoral. (Ver. **MARTIRIOLÓGIO ROMANO**. Coimbra/ Viana do Castelo: Gráfica de Coimbra, 2013. p 5)

² CORDEIRO. José de Leão (Org) **.Antologia Litúrgica: Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio**. Fátima (PT), Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p 822

³ “Nela, Atanásio condensa os ensinamentos do grande asceta sobre a vida espiritual, mostra o patriarca dos monges como modelo de santidade, resume seus ensinamentos e conta seus combates contra o demônio.” (SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão**. SP: Paulus, 2002. p 26).

⁴ VIDA E Conduta de Santo Antão, In SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão**. SP: Paulus, 2002. p 336- 337.

⁵ Santa Cruz de Coimbra tornou - se o mais importante centro de produção cultural portuguesa dos séculos XII e XIII. Nele se formaram religiosos e intelectuais de vulto como D. Fernando Martins de Bulhões, depois celebrado como Santo António de Lisboa ou de Pádua. Só muito mais tarde, os monges de Cister conseguiriam competir eficazmente com a centralidade crúzia em matéria de formação teológica e de produção cultural mormente no campo da escrita de annales e de crónicas históricas da monarquia e do reino de Portugal. (GOMES, Saul A. **Hagiografia, arte e cultura no Outono da Idade Média**. In Revista Diálogos Mediterrânicos. CURITIBA: NEMED/ UFPR. Número 6 – Junho/2014 p 40)

⁶ Ver: NASCIMENTO, Aires A. **Vida de São Teotónio**. Lisboa: edições Colibri, 2013. Também do mesmo autor, **Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

⁷ Celebrada a 20 de Julho. Santa de origem portuguesa. Virgem e mártir, em Coimbra.

⁸ Irmão do rei D. Afonso II

⁹ Citado em VIEIRA, José Bento. **Os Mártires de Marrocos. Vida e Martírio**, Coimbra, Gráfica de Coimbra 2, 2006.

¹⁰ A procissão dos Nus teve origem no milagre feito a Vasco Martins, do Campo, em 1423 por ocasião da peste que afetou Portugal ... Com o tempo foi aumentando o número de penitentes que, vestindo unicamente um calção, de peito descobertos e descalços se reuniam em Santa Clara, afrontando os rigores do inverno e pela madrugada, processionalmente organizados, vinham até Santa Cruz, onde participavam nas cerimônias religiosas em honra dos Santos Mártires. (VIEIRA, José Bento. **Os Mártires de Marrocos. Vida e Martírio**, Coimbra, Gráfica de Coimbra 2, 2006. 115)

¹¹ Ver: AMARAL. Clínio de Oliveira. **A Questão da Sacralidade: problemas e questões**. In *Religião e Religiosidades na Idade Média: Poder e Práticas Discursivas*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012. Também, do mesmo autor; **O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)**. Tese de Doutorado, Niterói: UFF, 2008. FONTES, João Luís Inglês. **Percursos e Memória: Do Infante D.**

Fernando ao Infante Santo. Cascais: Patrimonia Histórica, 2000. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. *Narrativas sobre o martírio e culto ao Infante Santo (século XV)*. In A idade Média: Entre a História e a Historiografia. Goiânia: Puc-Go, 2011. Também *O Combate em Nome da Fé nos Relatos Hagiográficos*. In Revista Crítica Histórica. Maceió (UFAL), Ano IV, nº 7, julho/2013. p 139- 151.

¹² Álvares, Frei João. **Trautado da Vida e feitos do Muito Virtuoso Sr Ifante D. Fernando.** Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), 1960.

¹³ REBELO, António Manuel Ribeiro. **Martyrium et gesta infantis domini Fernandi. A Biografia Latina de D. Fernando, O Infante Santo.** Tradução e estudo completo por António Manuel Ribeiro Rebelo. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

¹⁴ Álvares, Frei João. **Trautado da Vida e feitos do Muito Virtuoso Sr Ifante D. Fernando.** Op. Cit. p 254

¹⁵ Álvares, Frei João. **Trautado da Vida e feitos do Muito Virtuoso Sr Ifante D. Fernando.** Op. Cit. p 256